

Amor-ódio

O desporto é apaixonante. É um cocktail de emoções: sofrimento, felicidade, desilusão, amor Ficámos fora de nós e, mesmo que queiramos controlar as nossas emoções, não conseguimos. Sejam adeptos ativos, não ativos ou até não adeptos, temos sempre a necessidade de dar a nossa opinião, estar a par dos acontecimentos e discuti-los com autoridade.

O ser humano fica tão cego, porque gosta e o deixa feliz, que se recusa a enxergar os atentados à ética no desporto. Nunca ouviram dizer que quem ama perdoo? Isto é realmente verdade, e existe um amor enorme pelo desporto que leva à defesa desesperada do clube pelo seu adepto.

A nossa identidade fica perdida no meio da falta de ética no desporto. Os nossos valores mudam e a nossa ética desaparece, sem sequer nos apercebermos, devido a uma paixão pura e dura. Infelizmente, salvo raras exceções, este amor é um amor não correspondido. O indivíduo dá tudo de si, os seus valores, o seu tempo, o seu dinheiro e a sua voz e o outro lado não dá diretamente nada de importante para a vida.

Será que vale realmente a pena cortar nas despesas de casa para ir ver o jogo do nosso amado? Irá o amado dar tudo de si para a vitória e para a nossa felicidade? Por norma, não. O que move o nosso amado não é a paixão, mas sim a ambição. Encontram-se tão focados numa ambição, numa luta de deitar o adversário abaixo de qualquer forma que perdem o norte da sua moralidade, a ética desportiva. Dentro e fora das quatro linhas joga a hipocrisia.

Onde é que nós, apaixonados, nos encontramos no meio disto tudo? Eu abro os olhos, faço uma reflexão e uma revolta nasce dentro de mim. Todo o amor se tornou um poço de ódio. Como pude ser eu tão cega ao ponto de defender algo que vai contra todos os meus valores? Como me pude apaixonar por alguém tão desleal, mentiroso, dissimulado, traidor e vigarista.

Tenho pena de todos os que passam pelo mesmo desgosto amoroso que eu estou a passar. Como me sinto? Desiludida, com um amargo sabor a fel na boca e o coração feito em pedaços, em mais pedaços do que adeptos na bancada em jogo da final da Taça.

O pior de tudo? Continuo apaixonada. Já não é amor. É um vício que me domina e me subjuga, que me faz sofrer e me prende. “É um fogo que arde sem se ver.” Longe da competição, dominam-me os sentidos. Na mesa do café, reconheço a podridão dos dirigentes, a falta de brio dos atletas. Atiro a toalha ao chão. Juro para nunca mais! Mas depois... depois... o depois é igual ao dantes: volto a ficar ansiosa antes da partida; roo as unhas, digo asneiras e não consigo resistir! É mais forte do que eu. É um vício. Faz-me mal, é vil e ignóbil, mas não o deixo.

É talvez por se tratar de uma patologia social que o desporto de alta competição tem, não obstante todos os escândalos e todas as vigarices, ainda tantos apoiantes. Nós, os tontos apaixonados sabemos que o nosso amado é um traste, porém, numa lógica masoquista, não o deixamos. Podemos não ser os corruptos, mas somos definitivamente o alimento dessa corrupção.